

## COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL ESTUDO DE CASO DE UMA ORGANIZAÇÃO VOLUNTÁRIA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

**Guilherme Agnolin, Msc.<sup>1</sup>**  
**Édis Mafra Lapolli, Dr<sup>a</sup> <sup>2</sup>**  
**Inara A. V. Willerding, Dr<sup>a</sup> <sup>3</sup>**

**Abstract:** Projects for people with disabilities involve the complexity of knowledge and tasks, requiring the establishment and understanding of knowledge exchange in a way that promotes dialogue. The objective of this paper was to understand how social inclusion occurs in voluntary organizations for people with disabilities through knowledge sharing. Data were collected through semi-structured interviews and focus groups at Surf Sem Fronteiras Association (ASSF), a voluntary organization for people with disabilities that aims to promote social inclusion through surfing practice. The sharing of tacit knowledge from lived experiences, stories, and shared feelings breaks down prejudices and attitudinal barriers, leading to a change in perceptions. Through knowledge sharing it is possible to demonstrate the importance of inclusion and accessibility and facilitate the experience and coexistence of people.

*Keywords: knowledge sharing; social inclusion; voluntary organizations; people with disabilities.*

**Resumo:** Projetos para pessoas com deficiência envolvem a complexidade de conhecimentos e das tarefas, exigindo o estabelecimento e a compreensão da troca de conhecimento de maneira que promova o diálogo. O objetivo deste artigo foi compreender como a inclusão social ocorre em organizações voluntárias para pessoas com deficiência por meio do compartilhamento de conhecimento. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e grupos focais na Associação Surf Sem Fronteiras (ASSF), uma organização voluntária para pessoas com deficiência. O compartilhamento do conhecimento proveniente de experiências vividas, histórias e sentimentos compartilhados quebra preconceitos e barreiras atitudinais, levando a uma mudança nas percepções. Por meio do compartilhamento de conhecimento, é possível demonstrar a importância da inclusão e facilitar a experiência e convivência das pessoas.

*Palavras-chave: compartilhamento de conhecimento; inclusão social; organizações voluntárias; pessoas com deficiência.*

**Resumen:** Los proyectos para personas con discapacidades involucran la complejidad del conocimiento y las tareas, requiriendo el establecimiento y comprensión del intercambio de conocimiento de manera que promueva el diálogo. El objetivo de este artículo fue entender cómo ocurre la inclusión social en organizaciones voluntarias para personas con discapacidades

---

1 Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5015-4241>. e-mail: [guilherme.chapeco@gmail.com](mailto:guilherme.chapeco@gmail.com)

2 Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8534-7449>. e-mail: [edispanidion@gmail.com](mailto:edispanidion@gmail.com)

3 Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9078-8828>. e-mail: [inara.antunes@gmail.com](mailto:inara.antunes@gmail.com)

a través del intercambio de conocimiento. Los datos fueron recopilados a través de entrevistas semiestructuradas y grupos de enfoque en la Asociación Surf Sem Fronteiras (ASSF), una organización voluntaria para personas con discapacidades. El intercambio de conocimiento tácito proveniente de experiencias vividas, historias y sentimientos llevando a un cambio en las percepciones. A través del intercambio de conocimiento es posible demostrar la importancia de la inclusión y accesibilidad y facilitar la experiencia y convivencia de las personas.

*Palabras clave: intercambio de conocimientos; inclusión social; organizaciones voluntarias; personas con discapacidad.*

## 1 INTRODUÇÃO

As pessoas com deficiência, assim como todas as pessoas, devem participar dos vários grupos sociais. Por meio do esporte e lazer, além da promoção da qualidade de vida ou bem-estar, as pessoas se desenvolvem e exercem sua cidadania, além de apropriar o seu espaço físico e social. A legislação brasileira garante o acesso e oferece um caminho pelo qual a sociedade deve seguir, mas a inclusão ocorre e são constituídas no dia a dia das relações interpessoais, sociais e políticas (Barrozo *et al.*, 2012). De acordo com Fernandes (2009), projetos para pessoas com deficiência são desafiadores pois as pessoas envolvidas defrontam-se periodicamente com novas situações e resoluções ainda não disponíveis na literatura.

Conforme Finkelstein (2001), os seres humanos são por natureza fracos, vulneráveis e fisicamente imperfeitos. Ao longo da história, as pessoas com capacidades lutaram pela perfeição e quanto mais conseguem intervir na estrutura do nosso corpo, mais as pessoas com deficiências são marginalizadas. A vulnerabilidade das pessoas com deficiência é então vista como uma condição que os separa do que é considerado normal e isso é uma barreira educacional, de aprendizagem e de conhecimento saudável que está inibindo o desenvolvimento de uma compreensão abrangente sobre o ser humano. Não é possível entender ou lidar com a deficiência sem lidar com a natureza essencial da própria sociedade.

Fica evidenciado a complexidade dos conhecimentos e das tarefas, sendo necessário estabelecer e compreender as trocas de conhecimento, de modo que proporcione o diálogo entre os envolvidos, com objetivo de buscar o melhor entendimento. No quesito aquisição e disseminação do conhecimento existe a clara necessidade da gestão desse processo. Há interesse pela produção acadêmica e pelo trabalho colaborativo. Quanto à conversão dos conhecimentos tácitos em explícitos, percebe-se que, os projetos não têm o hábito de fazer esta conversão. Foi possível detectar que os alunos com mais tempo de participação repassam seus conhecimentos por meio das vivências (Fernandes, 2009).

No caso do surfe, essa vivência proporciona interação social e a inclusão por meio da aprendizagem e aplicação das regras de convivência entre as pessoas, no momento que

assumem e desempenham um papel dentro de uma equipe, ao fazer parte da socialização individual (Lopes, 2015). Resultados positivos foram relatados por pesquisadores, instrutores de surfe e pais com a intervenção de práticas de surfe para crianças com deficiência. Observou-se o aumento da autoconfiança, ganhos no desenvolvimento social, pela interação com os voluntários e outros participantes, e diminuição da ansiedade (Armitano *et al.*, 2015). Por meio da capacitação, os instrutores de surfe podem oferecer a oportunidade e o espaço necessário para que as pessoas com deficiência encontrem novas maneiras de lidar com os desafios da vida diária. Ao aumentar a autoestima e a autoconfiança, as pessoas com deficiência podem se sentir encorajadas a tentar encontrar um papel ativo na sociedade (Lopes, 2015).

Uma destas formas se dá por meio do voluntariado, é um ingrediente-chave em modelos comunitários ou cooperativos de intercâmbio econômico (Briggs, Peterson & Gregory, 2010). Black e Living (2004) afirmam que há uma série de motivações para o voluntariado e exerce seus efeitos positivos predominantemente sobre aspectos da saúde mental, proporcionando oportunidades para aumentar a confiança e a autoestima, obter apoio social, substituir papéis perdidos e se sentir incluído na vida da comunidade.

É preciso pesquisar, entender e propor novos conhecimentos nesta área e garantir um trabalho trans e interdisciplinar torna-se fundamental neste processo. A busca por uma sociedade inclusiva necessita de um trabalho conjunto de várias áreas do conhecimento. Portanto, propor ações afirmativas, que caminham no sentido de facilitar a acessibilidade das pessoas com deficiência pode ser uma boa proposta de conteúdo a serem desenvolvidas nos mais variados projetos universitários (Fernandes, 2009).

Portanto, mediante essas considerações, é possível perceber que, por intermédio das pessoas e suas vivências, o conhecimento se desenvolve. Para que o conhecimento seja compartilhado há necessidade de espaços, facilitação, diálogo, respeito e convivência. O trabalho voluntário em organizações pode ser um aliado extremamente importante para o compartilhamento do conhecimento e transformação da sociedade visto que as políticas de inclusão social não representam a realidade atual observada.

Com base nessas evidências, tem-se a seguinte situação problema: Como ocorre a inclusão social em organizações voluntárias para pessoas com deficiência a partir do compartilhamento do conhecimento?

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa é o processo organizado e explícito de progresso do método científico, que tem o propósito de encontrar soluções para problemas e obter novos conhecimentos. No campo

da pesquisa social, envolve toda a singularidade da pessoa com relação às outras pessoas e às organizações sociais (Gil, 2008).

Por meio da pesquisa qualitativa é possível investigar e entender o sentido que as pessoas ou grupos conferem a um problema social ou humano. Envolve, então, um processo que requer levantar questões, definir procedimentos, coletar dados no universo do elemento pesquisado, analisar os dados com base nas teorias gerais sobre o tema e, sob a ótica da pessoa pesquisadora, gerar as percepções a cerca dos dados. No caso da pesquisa quantitativa, é possível ensaiar teorias investigando a relação entre as variáveis, que podem ser aferidas por dispositivos, para que sejam estaticamente avaliados (Creswell, 2014). Optou-se, portanto, para que se possa compreender como ocorre a inclusão social em organizações voluntárias para pessoas com deficiência, a partir do compartilhamento do conhecimento, a abordagem qualitativa.

Quanto aos objetivos, pode-se considerar a pesquisa exploratória e descritiva. Para Gil (2008), pesquisas exploratórias são concebidas para criar uma visão abrangente e aproximada sobre determinado tema. Quando são poucas as pesquisas sobre assunto definido e quando é custoso formular hipóteses. As pesquisas descritivas têm por objetivo compreender e descrever as características de um grupo.

Como procedimento será adotado o estudo de caso. O estudo de caso pode ser definido como o estudo profundo e intenso de um ou mais objetos, para possibilitar o seu conhecimento. Atendem diferentes finalidades, tais como: explorar situações da vida real, descrever a situação da conjuntura em que está sendo feita determinada investigação e explicar os fatores de determinado fenômeno em casos muito complexos, que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (Gil, 2008).

A seleção da organização e das pessoas participantes foi por acessibilidade e conveniência (Gil, 2008). Para Yin (2011), trata-se da seleção de unidades de coleta de dados por causa de sua pronta disponibilidade. O pesquisador tem acesso e é membro integrante da Associação Surf Sem Fronteiras (ASSF). A ASSF é uma associação sem fins lucrativos, criada em 2016, e tem como principal objetivo promover a inclusão social da pessoa com deficiência, por meio da prática do surf.

Para execução do estudo de caso previu-se inicialmente a utilização da pesquisa documental, com objetivo de caracterizar a organização e selecionar as pessoas participantes. Definiu-se para o estudo que serão entrevistadas as pessoas que foram eleitas para os cargos de gestão da ASSF, conforme estabelecido pelo Estatuto e Ata de posse da organização. Para entrevistas individuais, foram identificados os cargos de presidente, diretora técnica, diretora

de marketing, diretora de gestão de pessoas e diretora administrativa, totalizando cinco pessoas. Além destas, selecionou-se as pessoas voluntárias com a função de referência que estão ativas nas aulas, por meio da lista de presença. A posição de referência é ocupada por pessoas que possuem experiência com o surfe, conhecimento sobre condição do vento e do mar e tempo de onda. Junto com a pessoa aluna, participa nos preparativos, avaliação da condição local, entra no mar e acompanha e/ou suporta a atividade de pegar ondas. Participaram das entrevistas quatro pessoas na condição de referências. Ao total foram entrevistadas 9 pessoas.

Entendeu-se também a necessidade de avaliar as percepções das pessoas que participam da organização como alunas. Nesse sentido, foram identificadas pessoas alunas que participam ativamente da lista de alunos, que ocorrem quintas e sábados. Para essa avaliação, definiu-se a utilização de grupos focais, que se trata da reunião de pessoas que passaram por experiências em comum. Para Morgan (1997), grupos focais é uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações entre pessoas ao se discutir um determinado tópico proposto pelo moderador. Participaram desta etapa 18 pessoas alunas divididas em 3 grupos focais.

O roteiro para as entrevistas semiestruturadas foi baseado nos estudos de Fernandes (2009), que aborda a gestão do conhecimento em projetos de extensão para pessoas com deficiência e para a condução dos grupos focais estabeleceu as perguntas com base em base em Scharlach e Lehning (2013), que tratam conceitualmente a inclusão social, e Fernandes (2009).

Tabela 1- Perguntas das entrevistas e grupos focais.

TEMAS	ENTREVISTAS	GRUPOS FOCAIS
<b>Identificação do grupo participante</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Há quanto tempo faz parte da associação?</li> <li>✓ Na sua opinião, para que serve o projeto da organização?</li> <li>✓ O que as pessoas ganham com a realização desse projeto?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Há quanto tempo fazem parte da associação?</li> <li>✓ Por que decidiram ser pessoas alunas?</li> </ul>
<b>Compartilhamento do conhecimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Quais conhecimentos você recebeu na associação?</li> <li>✓ Como a organização estrutura esses conhecimentos?</li> <li>✓ Como você percebe que acontece o compartilhamento do conhecimento na organização?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Quais conhecimentos você recebeu na associação?</li> <li>✓ Como você percebe que acontece o compartilhamento do conhecimento na organização?</li> </ul>
<b>Inclusão social</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ao realizar as atividades na associação, qual o seu sentimento?</li> <li>✓ O que mudou em sua vida após ter começado a surfar?</li> <li>✓ Você percebe uma mudança de qualidade em sua vida? Qual?</li> <li>✓ Com relação aos relacionamentos e contatos com as pessoas da organização, como você se sente?</li> </ul>

		✓ Como você percebe a inclusão social na associação? E fora dela?
<b>Inclusão social a partir do compartilhamento do conhecimento</b>	✓	Como o compartilhamento do conhecimento pode contribuir para a inclusão social?
	✓	O que poderia ser feito para melhorar as práticas na organização, considerando compartilhamento do conhecimento e inclusão social?

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Scharlach e Lehning (2013) e Fernandes (2009).

Para apresentação e análise dos resultados foi utilizada a técnica de análise temática. De acordo com Braun e Clarke (2006, p. 5) “[...] é um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados. Ela minimamente organiza e descreve o conjunto de dados em (ricos) detalhes”.

### 3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A ASSF envolve-se em ações e projetos visando: promoção de direitos das pessoas com deficiência; promover condições e acessibilidade ao surfe às pessoas com deficiência interessadas no esporte; promoção gratuita do acesso à saúde mental e física proporcionada pela prática do surfe às pessoas com deficiência; promover a divulgação e acesso ao surfe a todas as pessoas com deficiência que estejam interessadas na prática; promoção do voluntariado e de treinamentos especializados para o cuidado das pessoas com deficiência no surfe; promover a remoção de barreiras atitudinais e físicas para o combate de todo o tipo de cerceamento de direitos às pessoas com deficiência; promoção da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais (Assf, 2020). Participam diretamente das atividades da organização pessoas voluntárias, pessoas alunas e familiares responsáveis.

A ASSF acredita que o surfe pode ser uma experiência transformadora de vida, por meio das quais as pessoas podem ser capazes de romper barreiras sociais, de promover o autoconhecimento e a autoconfiança, de aproximar-se da natureza e de beneficiar-se da água do mar e suas propriedades terapêuticas (Assf, 2023).

Buscou-se identificar, analisar e relatar padrões para formar o entendimento coletivo acerca do tema em questão. Foram recolhidos os extratos literais do conteúdo mais significativo dos diferentes depoimentos que apresentam sentidos semelhantes.

#### 3.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Ao perguntar as pessoas entrevistadas para que serve o projeto da associação, ficou evidente que auxilia na inclusão, garantia dos direitos das pessoas com deficiência, acesso ao espaço de praia, socialização e para dar oportunidades em via dupla.

O projeto serve “[...] principalmente para inclusão e acesso às praias. Contato com a natureza, a socialização dessas pessoas. Poder fazer com que façam parte integralmente da sociedade” (Pessoa entrevistada 1). “Para garantir direitos. É claro, para o surfe também, mas eu acho que é muito amplo” (Pessoa entrevistada 2). Na associação “[...] a gente fala bastante sobre o respeito e as atitudes para que se formem os ambientes. Eu acho que esse é o objetivo principal do projeto” (Pessoa entrevistada 3). “Eu acho que ele é uma oportunidade, é uma via de acesso” (Pessoa entrevistada 5).

Perguntou-se também o que as pessoas ganham participando da ASSF, percebe-se que as pessoas ganham conexões, relacionamentos, alegrias, amizades, convívio social, qualidade de vida, benefícios físicos, mentais e sociais, propósito e identificação. Além disso aprendizados que envolvem a percepção do outro, liderança, trabalho em equipe e comunicação.

A gente ganha “crescimento assim do próprio ser, como uma força de vida. A gente vê as pessoas muito mais contentes, com muito mais vontade de viver” (Pessoa entrevistada 4). “Eu acho que é essa troca, essa socialização de estar ali, de poder ter pessoas com quem a gente pode contar, não só ali para as aulas em si, mas tem uma rede de contato, unidos mesmo” (Pessoa entrevistada 6). As pessoas “ganham identidade, ganham propósito, ganham acesso, ganham benefícios físicos, mentais e sociais. Ganham conexões. Porque eu acho que vai para muito além ali da prática. Eu acho que se ganha em vários aspectos” (Pessoa entrevistada 8).

Os achados corroboram com Santos e Severo (2018), em que as organizações voluntárias buscam a convivência e troca de experiências, qualidade de vida, socialização, valorização, autoestima e saúde.

### 3.1.1 Compartilhamento do Conhecimento

Na ASSF a estrutura do conhecimento parece estar apoiada na experiência de pessoas com embasamento prático e teórico que fizeram parte da associação, mas também com adaptações e aprendizado por meio do convívio diário.

“É com a força de todas as pessoas. [...] Porque acho que cada um foi agregando um pouco aí de conhecimento [...]. A gente vai adaptando algumas coisas de acordo com as nossas necessidades” (Pessoa entrevistada 4).

A gente conta com apoio principalmente das próprias pessoas com deficiências que já passaram por lá e que tinham um embasamento e propriedade muito forte para falar sobre o modelo social que fala muito disso, sobre respeito, direitos e ambientes, acessibilidades. (Pessoa entrevistada 3)

Perguntou-se como a pessoa percebe que acontece o compartilhamento do conhecimento na organização. Existe uma organização de grupos por meio do *Whatsapp*, onde são discutidos os temas diariamente, momentos específicos de treinamentos, assembleias e reuniões, em que é realizado o compartilhamento da parte teórica e prática. Porém, a maior parte dessa troca se dá nas vivências e experiências de trocas diárias.

“Eu acho que a gente acaba fazendo isso durante o dia a dia, nas práticas e nas reuniões, nas assembleias, é onde a gente mais pode discutir os temas e passar conhecimento” (Pessoa entrevistada 1).

Até existiram tentativas de é colocar isso em livros, manuais e coisas, mas me parece que o que flui mesmo é o boca a boca, é o compartilhamento das experiências ali no dia a dia. Acho que é desse jeito que que mais funciona. (Pessoa entrevistada 7)

Vai muito do pessoal que tem mais experiência, está passando no dia a dia, porque não é num treinamento só de novos voluntários que aquela que a pessoa acabou pegando o que tem que se fazer, como se faz e como é que se deve agir. (Pessoa entrevistada 9)

Evidencia-se que as práticas que ajudam as pessoas gestoras e referências a compartilhar conhecimento podem ser programas de treinamento especializado, equipes de trabalho, grupos de prática para a mesma função (Gharieb, 2022) e aprender fazendo na prática, orientadas por quem já tem experiência (Ragsdell, Espinet & Norris, 2014; Nordgren *et al.*, 2022).

### 3.1.2 A inclusão social a partir do compartilhamento do conhecimento

Perguntou-se as pessoas gestoras e referências da ASSF como o compartilhamento do conhecimento pode contribuir para a inclusão social e o que poderia ser feito para melhorar essas práticas na organização.

Identifica-se que o compartilhamento do conhecimento pode colaborar com a melhoria dos espaços e acessos e para com o respeito e empoderamento das pessoas com deficiência. Tudo isso ocorre pela mudança das nossas atitudes, por meio do conhecimento tácito da vivência, dos relatos e dos sentimentos compartilhados, que faz com que caiam os preconceitos e as barreiras atitudinais. Na ASSF as pessoas entram sem ter esses conhecimentos, e aprendem sobre o modelo social da deficiência e o capacitismo, sobre como conduzir uma pessoa cega, como interagir com pessoas neurodiversas, como auxiliar uma pessoa com deficiência física,

sobre respeito, e esses conhecimentos permitem as pessoas da associação serem mais ativas na questão da inclusão da pessoa com deficiência.

“Quando a gente compartilha o conhecimento é aí que os preconceitos caem, as pessoas se informam, quebram tabus, então dessa forma, eu acho que quanto compartilha o conhecimento tu estás abandonando vários preconceitos” (Pessoa entrevistada 5).

Eu acho que é eu sou um exemplo disso também. Porque eu não cheguei ali detentora de todo esse conhecimento. Não cheguei conhecendo o modelo social da deficiência. Não cheguei sabendo conduzir uma pessoa cega. Não cheguei sabendo o que era capacitismo. Ali, eu adquiri isso. E hoje ter esse conhecimento me faz ser uma pessoa que é muito mais ativa na questão da inclusão da pessoa com deficiência [...]. A convivência com uma pessoa com deficiência, o relato dela, o sentimento que ela compartilha contigo, eu acho que isso é o principal, eu acho que isso é uma das grandes potências assim de conhecimento da associação. (Pessoa entrevistada 8)

Por fim, buscou-se questionar as pessoas gestoras e referências a respeito de melhorias nas práticas na organização, levando-se em consideração o compartilhamento do conhecimento e a inclusão social. Identificou-se que as oportunidades de melhoria estão em ter mais momentos de prática, palestras, ocupar mais espaços, exposição em diferentes meios de comunicação. Existe um entendimento de que o trabalho voluntário tem um limite de capacidade de gestão, pois tudo que foi construído atualmente na ASSF sempre foi como mais uma das atividades paralelas da vida das pessoas. Pode-se haver ganhos significativos no caso de uma gestão profissionalizada em organizações da sociedade civil para pessoas com deficiência.

Em função de coisas, de correrias, eu acho que a gente poderia ter mais momentos de práticas com voluntários e alunos, para a gente debater assuntos, palestras, levar a informação e melhorar a comunicação, acho que precisa de mais momentos assim. (Pessoa entrevistada 1)

Existem oportunidades de fazer “mais treinamentos, fazer aprimoramentos, estar sempre fortalecendo as questões de como proceder nas aulas” (Pessoa entrevistada 4). “Eu acho que a gente tem uma lacuna de gestão dentro da nossa da nossa associação. Eu acho que para existir uma boa gestão mesmo a gente precisa de dedicação, disponibilidade” (Pessoa entrevistada 8).

Ressalta-se que foram identificadas práticas semelhantes às encontradas na literatura. Aprender fazendo: Dinâmica do mestre-aprendiz, treinamento por colegas de trabalho (Ragsdell; Espinet & Norris, 2014; Nordgren *et al.*, 2022). Promover atividades comunitárias

que incentivem a interação, apoio social e o acesso a recursos (Scharlach & Lehning, 2013). Realizar práticas esportivas em ambientes respeitosos (D'isanto & Di Tore, 2016). Participar em organizações para pessoas com deficiência, convivência e educação a respeito do tema (KETT *et al.*, 2019).

### 3.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DOS GRUPOS FOCAIS

Para a realização da análise dos dados foram identificadas, na pesquisa documental, um a lista das aulas de quinta-feira e sábado e puderam participar das sessões 18 pessoas, divididas em 3 grupos focais. Na ASSF, não há relação entre a faixa etária e o tempo na organização. As pessoas alunas iniciam em diferentes estágios da vida, algumas iniciaram desde crianças e estão até hoje e outras iniciam já na fase adulta.

Inicialmente realizou-se a pergunta do porquê a pessoa decidiu ser uma pessoa aluna na associação.

Eu vim por convite de uma outra aluna que veio conhecer, eu vim conhecer junto com ela e eu adorei ter conhecido o surf, para mim foi uma experiência nova, uma experiência que me deu mais vontade de continuar aprendendo a surfar e a praticar [...]. O meu filho tropeçou em um dos voluntários e essa pessoa perguntou a ele se ele queria surfar. Ele disse sim, aquilo me surpreendeu. Daí a gente veio pra cá e ele gostou desde o primeiro dia [...]. Eu achei na internet. Aí fazia pouco que a gente tinha mudado, não conhecia ninguém, nem nada aqui. Procurando projetos, coisas pra ele fazer, aí a gente achou na internet e a gente veio. (Grupo focal 2)

Quando me foi apresentada associação eu vi que essa era a única maneira de frequentar a praia, então foi por isso que eu decidi fazer parte [...]. Então, eu fui por curiosidade. Eu não sabia até então que pessoas com deficiência conseguiam fazer determinados esportes, nem sempre a gente é apresentado para tudo. Outro aluno que eu conhecia me chamou na época e acabei me apaixonando pelo surf e, conseqüentemente, fazendo parte da associação. (Grupo focal 3)

Pode-se verificar que as pessoas têm diferentes interesses relacionados à prática do surfe e de que parte delas nem sabia dessa possibilidade. Praticar o surfe pode ser um sonho para algumas delas, já outras chegaram por meio de encontros aleatórios na vida, com pessoas que já faziam parte ou conheciam a ASSF.

#### 3.2.1 Percepções com relação ao compartilhamento do conhecimento

Inicialmente, perguntou-se as pessoas quais conhecimentos foram recebidos por elas na ASSF. Identifica-se que foram compartilhados conhecimentos sobre expressão de sentimentos, entender as pessoas, convivência e troca com pessoas com deficiência, comunicação, sobre o mar, as ondas, o surfe, equilíbrio para o esporte e na vida, acolhimento, senso de comunidade e respeito, identidade, capacitismo e naturalidade nas relações.

A gente aprende tanta coisa. Além do surfe aprendi a ser mais humano [...]. Eu não tinha convivência com pessoas com deficiência, até me tornar uma. Eu não tinha ninguém na minha família, não tinha amigos, então eu não tinha essa convivência, eu não tinha essa troca. [...]. Tem o conhecimento, o entendimento de uma ferramenta de inclusão muito profunda, de muito impacto. (Grupo focal 1)

Acho que manter o equilíbrio. O equilíbrio na prancha e o equilíbrio na vida também, é um conhecimento muito bom. [...] Hoje em dia eu tenho conseguido encontrar aqui uma brecha de me soltar um pouco, é uma família. A gente chega aqui é bem recebido com carinho, recebe quem chega também, isso pra mim foi muito bom, aprendi bastante aqui. (Grupo focal 2)

“Além de aprender a ter mais conhecimentos do mar, formações de onda, drop e terminologias de surf e todo esse universo, eu tive um conhecimento sobre uma cidadania da pessoa com deficiência” (Grupo focal 3).

Uma sociedade do conhecimento inclusiva é aquela em que as pessoas têm acesso à informação e às habilidades para que o conhecimento compartilhado seja posto em prática suas vidas (Mckiernan, 2017).

Após questão anterior, perguntou-se as pessoas dos grupos focais como elas percebem que ocorre o compartilhamento do conhecimento na associação. Evidencia-se que o compartilhamento ocorre primeiramente no treinamento inicial para pessoas interessadas a serem voluntárias, que dá uma base inicial de informações e abre uma porta segura. Deve-se ressaltar que é prática na organização que as pessoas alunas participem do treinamento inicial expondo seu conhecimento e vivências. Já dentro da ASSF, o compartilhamento ocorre na coletividade, na convivência, de uma pessoa para outra durante as aulas, em um ambiente seguro e acolhedor, de forma orgânica e na prática, com a confiança para estar junto na água surfando e trocando conhecimento.

Eu acho que tem ali uma questão da coletividade, senso de coletividade que a inclusão traz. É realmente tu perceber que ao mesmo tempo que tu contribuis para uma coisa, como essa tu constrói junto possibilidades [...]. A convivência. É cada vez, cada

semana tu vais aprender a conhecer um pouco mais o outro e isso vai dando uma abertura que acaba se tornando uma família na verdade. (Grupo focal 1)

Eu vejo que esse compartilhamento acontece de uma maneira muito mais orgânica e na prática, acho que principalmente para os alunos, mas para os voluntários também. E o treinamento, mas eu acho que treinamento é uma base só para a pessoa se sentir mais confortável, pertencente, tem um pouco de propriedade para que faça as funções da associação. (Grupo focal 3)

Averigua-se na literatura que uma cultura que valorizar a confiança (Wang & Noe, 2010) e habilidades voltadas para o ser humano e respeito (Boom & Pennink, 2012) são incentivos para as pessoas e conduz ao compartilhamento do conhecimento.

### 3.2.2 Compartilhamento do conhecimento e inclusão social

Buscou-se questionar aos grupos focais como o compartilhamento do conhecimento pode contribuir para a inclusão social e o que poderia ser feito para melhorar essas práticas na organização.

Por primeiro é evidenciada qual a contribuição do compartilhamento do conhecimento para inclusão social. Percebe-se a importância da convivência em ambientes psicologicamente seguros, em uma perspectiva de realismo de que é possível que pessoas com deficiência surtem, saindo de um imaginário teórico passando a viver a realidade. Quanto mais se fala sobre e se divulga vai quebrando as barreiras, mas também se ressalta a importância da colaboração de Estado, empresas e a sociedade nesse processo, pois muitas vezes as pessoas da associação já estão sobrecarregadas. A partir do compartilhamento do conhecimento é possível mostrar e apresentar para as pessoas a importância da inclusão e da acessibilidade, abrir janelas, facilitar a vivência e a convivência das pessoas com deficiência.

Eu acho que é muito importante compartilhar o conhecimento, e não ficar guardado só para determinados grupos [...]. Convivência [...]. Eu acho que quando tu falas em mudança cultural, a gente muda com representatividade e desenvolvimento de ambientes psicologicamente seguros. Leva uma perspectiva de realismo, da realidade da pessoa com deficiência, sai de um imaginário teórico. (Grupo focal 1)

Eu acho que as pessoas de fora olhando como é aqui vão ver que pessoas com deficiência têm capacidade de fazer qualquer coisa [...]. Eu penso que quanto mais a gente conversar, quanto mais divulga, quanto mais do exemplo [de oportunidades e possibilidades] as pessoas vão quebrando essas barreiras. (Grupo focal 2)

Eu vejo que a partir do compartilhamento do conhecimento a gente mostra, apresenta para as pessoas, a importância de ter acessibilidade, de ter a inclusão social. [...]. Eu acho que esse compartilhamento é fundamental justamente por gente estar no meio. As pessoas já têm essa convivência, então fica muito mais fácil, porque cada pessoa tem a sua especificidade, das suas necessidades, muitas coisas são incomuns para maioria. (Grupo focal 3)

Assim como Tavares e Rodrigues (2021) discorrem, por meio da educação, aceitação e valorização, a inclusão social pode sair da ideologia para o exercício de fato do nosso papel de cidadão. A participação em organizações para pessoas com deficiência pode ser uma forma de convivência e desenvolvimento de capacidades e habilidades técnicas para contribuir para uma mudança mais ampla em torno das questões da deficiência (Kett *et al.*, 2019).

Por meio dos treinamentos e no convívio cotidiano, utilizando as abordagens do modelo social para a deficiência as organizações, estruturas, processos e práticas podem fornecer o acesso e o apoio necessários para possibilitar a participação de pessoas com deficiência na vida social, política e cultural (Darcy, Lock & Taylor, 2017). Essas comunidades do conhecimento, comunidades de prática e movimentos sociais têm um papel relevante para legitimar o conhecimento científico e torná-lo aceitável para a política (Gupta, Pouw & Ros-Tonen, 2015).

Flan (2022) reflete que sociedades inclusivas depende da vontade política individual e coletiva, permitindo às pessoas em risco social ter acesso e oportunidades para a participação ativa na vida econômica, social e cultural. Percebe-se que na ASSF essas características são atendidas por meio de todas as pessoas que fazem parte.

#### **4 CONCLUSÕES**

Esta pesquisa se propôs a compreender como ocorre a inclusão social em organizações voluntárias para pessoas com deficiência, a partir do compartilhamento do conhecimento. Nesse contexto, a organização selecionada para a pesquisa foi a Associação Surf Sem Fronteiras.

O compartilhamento do conhecimento na ASSF é transmitido por meio das pessoas, alunas, responsáveis e voluntárias. As pessoas novas que entram na associação passam por um treinamento inicial, onde são apresentados os principais conceitos relacionados às pessoas com deficiência, e são apresentadas as funções na aula, equipamentos e procedimentos. Com o passar do tempo, as pessoas que entraram vão recebendo conhecimento das pessoas voluntárias com mais tempo de associação, participando das atividades práticas de aulas de surfe adaptado até um ponto que se sentem seguras em também começar a compartilhar. Essa transformação,

que ocorre lentamente, é capaz de contribuir para o respeito e atitudes da pessoa e do seu entorno para com as pessoas com deficiência.

Por meio do conhecimento tácito da vivência, dos relatos e dos sentimentos compartilhados, é possível fazer com que caiam os preconceitos e as barreiras atitudinais, realizando uma mudança nas nossas percepções. Na ASSF, as pessoas que entram sem ter esses conhecimentos, aprendem sobre o modelo social da deficiência e o capacitismo, sobre como conduzir uma pessoa cega, como interagir com pessoas neurodiversas, como auxiliar uma pessoa com deficiência física e esses conhecimentos permitem as pessoas da associação serem mais ativas na questão da inclusão social. Deve-se observar a importância da convivência em ambientes psicologicamente seguros, em uma perspectiva de realismo, saindo de um imaginário teórico. Quanto mais se falar e divulgar mais as barreiras, sejam elas atitudinais, arquitetônicas, comunicacional, metodológica, instrumental e programática, poderão ser quebradas. A partir do compartilhamento do conhecimento pode-se mostrar e apresentar para as pessoas a importância da inclusão e da acessibilidade, abrir janelas, facilitar a vivência e a convivência das pessoas com deficiência.

## REFERÊNCIAS

- Armitano, C. N., et al. (2015). Benefits of Surfing for Children with Disabilities: A Pilot Study. *PALAESTRA*, 29(3).
- Assf. (2020). Estatuto Social.
- Assf. (2023). Site Associação Surf Sem Fronteiras. Disponível em: <https://surfsemfronteiras.com.br>.
- Barrozo, A. F., et al. (2012). Acessibilidade ao esporte, cultura e lazer para pessoas com deficiência. São Paulo, Brazil: p. 13.
- Black, W., & Living, R. (2004). Volunteerism as an Occupation and its Relationship to Health and Wellbeing. *British Journal of Occupational Therapy*.
- Boom, I. H., & Pennink, B. W. (2012). The relationship between humanness and knowledge sharing in Malaysia empirical evidence from Malaysian managers. *Gadjah Mada International Journal of Business*, 14(2), 99–122.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.
- Briggs, E., Peterson, M., & Gregory, G. (2010). Toward a Better Understanding of Volunteering for Nonprofit Organizations: Explaining Volunteers' Pro-Social Attitudes. *Journal of Macromarketing*.
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. 3ª ed. Porto Alegre: Penso.
- D'isanto, T., & Di Tore, P. A. (2016). Physical activity and social inclusion at school: A paradigm change. *Journal of Physical Education and Sport*, 16, 1099–1102.

- Darcy, S., Lock, D., & Taylor, T. (2017). Enabling Inclusive Sport Participation: Effects of Disability and Support Needs on Constraints to Sport Participation. *Leisure Sciences*, 39(1), 20–41.
- Fernandes, L. L. (2009). Gestão do conhecimento em projetos de extensão universitária direcionados às pessoas com deficiência. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Finkelstein, V. (2001). THE SOCIAL MODEL OF DISABILITY REPOSSESSED.
- Flan, G. (2022). Building Just, Peaceful and Inclusive Societies from National Identities. A Contribution to the 2030 Agenda. *Revista Ciencias Sociales Y Educacion*, 11(21), 56–81.
- Gharieb, M. (2022). Factors Affecting Knowledge Sharing in the Administrative Work Environment. *Tehnicki Glasnik-Technical Journal*, 16(2), 187–196.
- Gil, A. C. (2008). Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Gupta, J., Pouw, N., & Ros-Tonen, M. (2015). Towards an Elaborated Theory of Inclusive Development. *European Journal Of Development Research*, 27(4), 541–559.
- Kett, M., et al. (2019). Exploring partnerships between academia and disabled persons' organisations: Lessons learned from collaborative research in Africa. *IDS Bulletin*, 50(1), 65–78.
- Lopes, J. T. (2015). Adapted surfing as a tool to promote inclusion and rising disability awareness in Portugal. 3(5), 7.
- Morgan, D. (1997). Focus group as qualitative research. *Sage Publications*.
- Mckiernan, E. (2017). Imagining the “open” university: Sharing scholarship to improve research and education. *Plos Biology*, 15(10).
- Nordgren, C., et al. (2022). Need for Knowledge-What, Where and How? How Social Workers Handle Service and Support for Individuals with Disability. *British Journal Of Social Work*, 52(7), 4108–4126.
- Oliveira, M., et al. (2022). How to Overcome Barriers to Sharing Tacit Knowledge in Non-Profit Organizations? *Journal of the Knowledge Economy*, 13(3), 1843–1874.
- Ragsdell, G., Espinet, E., & Norris, M. (2014). Knowledge management in the voluntary sector: a focus on sharing project know-how and expertise. *Knowledge Management Research & Practice*, 12(4), 351–361.
- Santos, J., & Severo, E. (2018). Corporate social responsibility for the practice of civil society organizations in cities in the north of Rio Grande do Sul. *Revista Ciencias Administrativas*, 24(2).
- Scharlach, A. E., & Lehning, A. J. (2013). Ageing-friendly communities and social inclusion in the United States of America. *Ageing And Society*, 33(1), 110–136.
- Tavares, A., & Rodrigues, J. (2021). Education: Guiding Thread For Overcoming Social Differences In Brazil. *Revista On Line de Política e Gestão Educacional*, 25(1), 298–309.
- Wang, S., & Noe, R. A. (2010). Knowledge sharing: A review and directions for future research. *Human Resource Management Review*, 20(2), 115–131.
- Yin, R. (2011). Estudo de caso: planejamento e métodos. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman.